

# O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E SPORT NACIONAL

Director e proprietario

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA, NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA 1898

Editor responsavel

Anselmo de Souza

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes e Associação dos Caçadores Portuguezes

J. S. Pedrozo Junior

## Annuncios

Nacionaes e estrangeiros preço convencional  
Typographica — Rua de S. Paulo 216

Domingo, 1 de abril de 1900

## Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes . . . . . 300 reis  
Provincias, 6 mezes . . . . . 680 »  
Numero avulso . . . . . 60 »

## TIRO

### UNIÃO BENEMERITA

Não tem o nosso paiz ficado indifferente á propaganda dos corações generosos e dos amigos da paz que n'esta ultima metade de seculo tanto têm trabalhado por dulcificar os males das guerras, as suas terriveis consequencias, e ainda a sua completa extincção.

Adherindo desde o seu principio á convenção internacional de Genebra, que teve por fim regular a sorte dos feridos e o respeito pelos mortos em tempo de guerra, não tardou que os seus homens mais notaveis creassem a sociedade portugueza da Cruz Vermelha, essa santa associação que, principalmente n'estes ultimos tempos, tantas quantias tem despendido com aquelles que no campo de batalha lutam em defesa dos seus respectivos paizes e ideias.

Tambem não ficou Portugal alheio á grandiosa idéa de fazer resolver pela *mediação e arbitragem* os conflictos que porventura possam apparecer entre as nações cultas. Illustres senhoras, homens importantes, juriconsultos abalisados e cavalheiros de todas as classes têm-se associado aos milhões de almas generosas que pensam que a guerra é um grande mal que cumpre evitar, pondo-lhe um termo. E, finalmente, ainda outras pessoas mais praticas, por sem duvida, de que os amigos da paz, e menos confiadas na realisação do grande e humanitario ideal — *fim da guerra* — têm creado varios institutos que tornem mais suave a vida dos orphãos, e é assim que podemos contar com mais um estabelecimento de piedade onde as infelizes creanças, orphãs dos officios do exercito, possam receber uma carinhosa e util educação que as tornem mais habéis para ganhar dignamente os meios de subsistencia. Tal é o *Instituto D. Affonso*, ultimamente creado.

Todas estas instituições se completam. Todas tendem a dar mais coragem ao homem no cumprimento do seu dever, porque tanto menos o homem se arreceia dos perigos e da morte, quanto mais vê garantido o futuro dos entes que lhe são caros. Portanto todas essas instituições são santas, todas são dignas da maior protecção, e todas benemeritas da humanidade.

Mas, se é bom que tenhamos associações de socorros aos feridos e se faça propaganda a favor da paz, melhor é que não confiemos cegamente no bom resultado de essa propaganda. Mais pratico e mais positivo é procurar pôr termo ás guerras, tornando-as mais temiveis. Raras vezes succede que um lavrador, cujo casal se sa-

be estar bem defendido, seja atacado pelos salteadores.

Quando mal informados elles atacam, a horas mortas esses casaes, e são recebidos a tiro pelos ganhões e têm de retirar, arastando consigo os mortos e feridos, é provavel que os bandidos exclamem: — Se nós soubessemos... não vinhamos cá...

A esperanza de impunidade é a principal causa das malfetorias. Se todos os grandes malfetores tivessem a certeza de que fatalmente haviam de ser punidos os seus crimes, é provavel que elles fossem mais raros. Assim, se as nações amigas de brigar tivessem sempre a certeza de que as guerras lhes haviam de custar muito caro, talvez que as espadas não saissem tão facilmente das bainhas. E sendo isto uma verdade, e sendo as escolas de tiro o meio mais pratico de tornar temiveis e respeitaveis os pequenos povos, facil é de vêr que taes sociedades, se não são benemeritas da humanidade, na rigorosa acepção da palavra, são, por sem duvida, benemeritas da patria.

\* \* \*

Ahi pelos principios do anno de 1890 o nosso bom povo que tinha dormido um somno pacifico de mais de cincoenta annos, foi, bruscamente, acordado da sua beatitude ao annunciarem-lhe a aproximação sinistra do sangrento phantasma da guerra. Instintivamente olhou em roda de si e viu, assombrado, o que já devia ter notado, isto é, que não tinha artilheria sufficiente para defesa das suas praças maritimas; que não tinha couraçados para oppôr a um ataque á capital do seu reino, nem armas em proporção com a sua população válida, nem homens em numero sufficiente e devidamente instruidos para serem incorporados nos quadros do seu exercito effectivo ou reservas.

Foi, então, que essa grande creança, e eternamente descuidosa, percebeu que não lhe bastava ter trabalhado, mas que era necessario ter empregado as maiores diligencias para conservar e defender o que tinha adquirido.

Elle, na sua candida innocencia, pensava que o estar preparado para a guerra era ter mãos figados, quando, aliás, quem cuida da sua defesa, *ama* tanto a guerra, como quem procura ter bons medicos e bom serviço sanitario, *ama* a peste. Esquecia-se ainda do antigo aphorismo que diz — se queres paz, prepara-te para a guerra. E como não tinha meios para de prompto adquirir o material de guerra necessario, fez uma subscripção, que teria tido os mais auspiciosos resultados se a patriotica idéa não fosse enrodilhada pela politica, e desde logo envenenada ao ter dado os primeiros passos nos campos da pratica. E ainda assim essa subscripção deu resultados muito satisfatorios, digam

o que disserem aquelles que parecem só ter em vista o descredito da patria e do nome portuguez.

Mas o povo sabendo que o seu exercito era pequeno e que cumpria auxilial-o com bons atiradores, o povo pediu que lhe dessem meios de se instruir no tiro. Os seus desejos foram, em parte, ouvidos, e algum do gabinete do ministro da guerra, parece-nos que o sr. coronel Duval Telles, tomou o maior interesse n'esses desejos, e foi publicado um regulamento de tiro civil.

Na heroica cidade de Chaves, a patria dos intemeratos paizanos que não se arreceiam de atacar Soult, commandando 30:000 francezes, nas patrioticas e heroicas cidades de Bragança, Guarda e n'outros pontos, appareceram pequenos nucleos de paizanos que começaram a exercitar-se no tiro ao alvo. Mas como o perigo tinha passado, o entusiasmo arrefeceu, e os patriotas começaram a debandar das carreiras de tiro para a arena das praças de touros, não pensando mais nos passados perigos, nem em que um pequeno povo tem de ser mais severo e rigoroso no cumprimento dos seus deveres civicos do que uma grande nação, onde o numero é sempre uma circumstancia de primeira ordem.

\* \* \*

Entretanto, se a carreira de tiro da capital não tinha do elemento civil uma frequencia em harmonia com a sua população e com os brados patrioticos que durante dias e dias encheram as ruas de Lisboa, é, contudo, certo que, devido aos esforços de alguns entusiastas de verdadeiro merito, o fogo sagrado da defesa da patria por meio da instrucção do tiro, continuou mais ou menos acceso no elemento civil. Foi então que o regulamento de 1893, devido ao sr. Pimentel Pinto, facilitando a inscripção de novos atiradores, veio dar á carreira do tiro civil novos alentos e novos e importantissimos elementos de vida. Os premios concedidos por Suas Magestades, a sua distribuição solemne, os premios do ministerio da guerra, da camara municipal, a assistencia de Suas Magestades aos concursos, todo este conjunto de circumstancias tornaram estas festas verdadeiramente importantes, e a carreira de tiro de guarnição entrou n'um periodo de brilhantes e efficazes resultados para a defesa nacional.

Finalmente, depois de uma vida agitada e de ter vencido as maiores difficuldades, esmorecimentos, contrariedades de toda a ordem, visto como não ha idéa boa que não tenha de percorrer uma estrada de espinhos, antes de posta em execução, a carreira de tiro no que diz respeito ao elemento civil, alargou os seus horizontes, deu maior desenvolvimento ao ensino, e eis-a ahi erguida como um grande exem-

plo a seguir, transformada na *União de Atiradores Cívicos Portuguezes*.

\*  
\* \*

É essa benemerita associação que vimos hoje saudar com todas as forças da nossa alma de patriota, que nos orgulhamos de ser!

Chamamol-a benemerita, porque são sempre benemeritas da patria todas as instituições que têm por fim defendel-a e tornal-a cada vez maior nos campos da batalha ou nos campos do trabalho nacional.

A União de Atiradores Cívicos Portuguezes é a irmã dilecta do exercito e com a qual elle terá tambem de contar, se porventura um dia correr perigo este pequeno e heroico povo, que quer ser livre, que quer ser independente, e quer continuar indivisivel.

São passados os tempos que os exercitos dos pequenos e grandes povos formavam como que uma classe áparte, separada do resto da nação, vendo com ciúme que estranhos pretendessem forragear nos seus campos. Os exercitos hoje, mórmente os dos pequenos paizes, são toda a população várida armada ou esteja ápta para se bater nos campos de batalha ou apenas para se defender nas cidades sitiadas. Portanto, todos os que sabem manejar uma arma são bem recebidos.

Mas se os auxiliares são bons atiradores, elles não são menos preciosos do que os melhores soldados, porque o tiro é hoje a alma das batalhas. Ou seja de artilheria, ou de espingarda ou de clavina o tiro é o verdadeiro rei dos combates. Com o seu alcance, a sua penetração e a sua rapidez o tiro é o elemento decisivo de todos os embates. Um bom atirador abrigado está para vinte máus atiradores a peito descoberto.

O que são cargas de baioneta contra bons atiradores estão a dizel-o os tempos actuaes. Ora, a União, empregando todos os seus esforços em fazer bons atiradores cumpre em preceito cada vez mais em evidencia na moderna sciencia da guerra.

E tanto mais são para louvar os seus esforços quanto é certo que, desde ha annos, parece ter havido o proposito de acabar com os grandes atiradores campezinis!

Com effeito, onde é que estão esses bellos atiradores das nossas montanhas, que eram o assombro dos instructores militares?

Onde é que param esses recrutas transmontanos e beirãoes, e alemtejanos e algarvios, esses admiraveis atiradores que, empunhando uma arma de guerra pela primeira vez, e logo ao primeiro tiro, metiam a bala no alvo?

São hoje um mytho! E são um mytho porque a espingarda hoje, ainda para o homem mais sertanejo, é o fructo prohibido! Não sabemos porque infundados receios ha muito que as licenças para uso de espingardas são tão elevadas que parece haver a idéa de transformar os nossos homens do campo em timidas donzellas. As multas, as difficuldades de toda a ordem, as sophisticas interpretações da lei, as máis vontades de algumas auctoridades, fizeram com que o uso da espingarda só seja para os ricos, de modo que a grande maioria dos nossos paizanos é hoje inhabil para o tiro. A caça era, nos tempos que já lá vão, a *escola pratica* dos nossos atirado-

res. Aprendiam a visar com a rapidez do raio. Hoje a caça é dos ricos! Exactamente aquelles que, nos tempos de guerra, quererão mandar em vez de obedecer! Usar espada em vez de espingarda! Se as leis que temos sobre o uso da espingarda existissem entre os *boers*, ha muito que elles teriam sido empurrados para os serções e perdido a sua independencia. A liberdade do uso da espingarda é que os tem feito os melhores atiradores do mundo!

É por todas estas considerações que mais uma vez chamamos benemeritos aos socios da *União*. D'aqui lhe pedimos que não esmoreçam na sua patriótica missão! A'vante sempre! Têm tido em cada anno concursos de mais de 150 atiradores, e cada grupo d'esses bellos atiradores vale bem 1:500 homens sem instrucção de tiro! Que grande serviço prestado á patria em cada anno! Que magnificos defensores do torrão nacional! Como elles saberão visar os inimigos da nossa independencia!

Ainda ha pouco lêmos n'um jornal que em Lourenço Marques se tinha estabelecido uma nova carreira de tiro. Sigam todas as cidades e todos os centros de população portugueza aquelle exemplo. Se não podem dispensar as praças de touros construam ao lado uma carreira de tiro ainda que seja de tiro reduzido. Quem sabe visar bem a 300 metros, facilmente derruba um inimigo a 600.

Accitem na sua agremiação ricos e pobres, grandes e pequenos, e todos que apresentem certidão de bons costumes. Interessem no tiro a massa da população. Façam a propaganda do tiro por toda a parte. Digam a todos que querer a defesa nacional, é não dar flanco ao ataque, é não querer as guerras.

Consta-nos que a *União*, no proximo concurso, não mette menos de 500 atiradores! É um esforço prodigioso e representa um esplendido serviço prestado ao paiz.

Convém que fructifique o exemplo. É necessario que as outras grandes e pequenas povoações imitem Lisboa. Em vez de palavras, obras. Em vez de estarmos boquiabertos a admirar os outros, imitemol-os. É necessario que a propaganda do ensino do tiro chegue á aldeia mais sertaneja. Depois cumpre aos governos considerar e premiar de um modo mais positivo os bons atiradores.

Consintam que sem licença, e apenas com o seu diploma de bom atirador usem armas de tiro. Façam officias de tiro os que, além d'isso, tenham mais nmas habilitações de guerra. Concedam-lhes isenções de determinadas contribuições e deveres e preferencias para determinados empregos administrativos. Emfim auxiliem-nos no que fôr possivel.

E como em todas as terras importantes ha officias do exercito, elles que se encarreguem de dirigir as carreiras.

Se todos esses directores, forem fanaticos pelo tiro, como é o actual director da carreira da garnição da capital, o sr. capitão Vergueiro, que tem feito d'esse ensino um apostolado, e que já em 1887, n'esta mesma *Revista*, no n.º 8, sustentava a altissima importancia do tiro para os soldados e officias, competindo aos ultimos um aturado estudo para a judiciosa direcção dos fogos, e se os futuros ministros da guerra continuarem a proteger este ensino, nós, em alguns annos, poderemos ter uma massa de muitos milhares de bons atiradores para a defesa nacional. Se um povo de 300:000 habitantes é temivel, quando os seus homens estão bem instruidos no tiro, um povo de cinco milhões,

nas mesmas condições, deve ser invencivel!

J. X. DE ATHAYDE E OLIVEIRA  
Maj. de inf.

Do excellent collegas a *Revista Militar* transcrevemos com a devida venia, o precedente artigo, que além de provar o valor da brilhante pena que o traçou é um elogio para a *União* e um valioso incentivo para que esta seja coadjuvada por quem o pode e deve fazer.

## União dos Atiradores Cívicos Portuguezes

### Parte official

CONSELHO GERENTE

ACTA N.º II

Sessão em 10 de março de 1900

Sendo 9 horas da noite, foi aberta a sessão na redacção do *Tiro Civil*, sob a presidencia do sr. dr. Cunha Bellem e estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, Correia Pinheiro, Pedro Ferreira, Ignacio Franco, Vieira da Silva, Eduardo de Noronha e J. Fraga Pery de Linde, secretario.

O secretario communicou um officio do sr. José Antonio Nunes, agradecendo a sua passagem á cathedra de socio honorario.

Pelo sr. Anselmo de Sousa foi presente, em nome da Comissão Executiva, e unanimemente approvada, a proposta para a proclamação dos srs. Carlos Posser, José de Sousa Monteiro e Alberto Pimentel como socios honorarios.

O mesmo sr. communicou que o socio sr. Antonio Joaquim Rodrigues partia para Benguela, tendo a Comissão Executiva resolvido dar-lhe a representação official da *União* n'aquella localidade e nas que visitasse, resolução esta que o conselho sancionou, por unanimidade; e deu conta do lisongeiro resultado financeiro obtido na festa em beneficio da *União*, no theatro de D. Maria.

Foram reconhecidos como socios honorarios os ordinarios, srs. Crysogono Nunes Pinto e Raul Pinheiro Chagas.

Finalmente o sr. presidente apresentou o projecto de representação a dirigir ao parlamento, o qual foi approvado e baixou á commissão executiva para esta lhe dar o devido andamento.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 11 horas da noite.

O secretario do conselho

J. Fraga Pery de Linde.

COMMISSÃO EXECUTIVA

ACTA N.º 31

Sessão em 21 de março de 1900

A' 1 hora da tarde, estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, Antonio Correia Pinheiro, J. Fraga Pery de Linde e Eduardo de Noronha, foi aberta a sessão pelo sr. presidente.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Foi lida a seguinte correspondencia:

Discurso «A Salvação da Patria», proferido na camara dos deputados em 12 de Fevereiro de 1900 pelo deputado Ferreira d'Almeida e enviado por este cavalheiro á *União*.

Proposta para admissão a socio ordinario do sr. Joaquim do Nascimento Lobato Junior.

Officio da União da Sociedade do Tiro de França, do theor seguinte:

«Paris 28 de Fevereiro de 1900» Ao sr. Eduardo de Noronha, Secretario da União dos Atiradores Cívicos Portuguezes. Lisboa:

Sr. e Caro Collega.

Em nome da União da Sociedade do Tiro de França, temos a honra de recordar-vos que o quarto match Internacional de Tiro terá lugar em 1900 no concurso Internacional da Exposição.

N'este concurso effectuar-se-ha tambem o primeiro match Internacional de revolver.

A introdução d'estes dois match nas grandes festas sportiva da Exposição importa de direito o convite de todas as nações que n'ella tomam parte de se fazerem representar pelos seus delegados.

A União junta-se ao governo francez para vos manifestar o prazer com que em Paris serão recebidos os Atiradores portuguezes.

Devemos acrescentar que a *União* foi encar-

regada pela administração superior da Exposição de organizar o concurso Internacional, designando para esse efeito um comité especial que em breve vos enviará o programma e todos os documentos precisos á vossa adesão.

Aceitae, Senhor, e caro collega a manifestação dos nossos dedicados sentimentos.

O Presidente da União

*Komicu*

O Presidente do concurso

*F. Lemursiaux*

Offício da mesma procedencia acompanhando a remessa do programma do concurso.

Foram tomadas as seguintes resoluções:

Approvar a proposta do socio acima descrita, tomando o numero de matricula 251.

Agradecer ao sr. Ferreira d'Almeida a remessa do seu discurso.

Officiar á União da Sociedade Tiro de França que:—tomando em consideração o seu amavel convite, vae a União estudar a oportunidade de se fazer representar em tão brilhante certamen.

Encarregar a casa Leitão & Irmão da execução do premio «Caldas Xavier» segundo o esboço pela mesma casa apresentado.

Não havendo mais assumptos a tratar, foi encerrada a sessão ás 2 1/2 da tarde.

O SECRETARIO

*Eduardo de Noronha.*

## LITTERATURA

### Nove caçadas ás perdizes em Valle do Pezo

(Concluido ao n.º 182)

III

Para as caçadas mais proximas sahamos depois de almoço, não sendo raro encontrar logo nas hortas e nos quintaes do povoado as perdizes, — que, depois, ao recolher, de novo para alli traziamos — e, uma vez que outra, galinholas, que, nos annos seccos, procuravam os terrenos humidos á beira das fontes e dos lavadouros; codornizes creoulas, que ficavam nos relvados, e lebres que acamavam ao abrigo das paredes.

Não longe ainda, nos cerrados de centeio proximo á estação do Pezo, á roda da estalagem do Barriga — estalagem em que, n'outras caçadas, comeramos afamadas migas — e na volta em torno, — Cabeça Alta, Montalegre, Couto do Eusebio, Togeiras, Valle de Cogulo, — com o chão bem conhecido, como estava por nós, e bem sabido o numero e paradeiro das perdizes, faziam-se caçadas relativamente melhores do que aquellas a que iamos distantes, atraídos pela mais abundante caça. Mas tinham justamente estas o attractivo da novidade e do desconhecido; do maior trabalho, alem do mais appetitoso almoço no campo e ao ar livre.

Até na carreta que nos conduzia, e em que, por ordem da *palhinha*, iamos arrumados á cunha nas cadeiras de tabua, estremeçando-nos os miolos e as entranhas, as vibrações do macadame e os tombos das raizes, tinhamos risos que poderiam resultar de contracções involuntarias do diafragma, mas que tinham tambem origem na alegre disposição de espirito com que supportavamos o supplicio!

Crucieira, Torre das Vargens, Niza, Castello de Vide, Chança, Ponte da Pedra, Aldeia da Matta, Coutada da Areia, e as Murtinheiras, foram o theatro d'essas acções.

Se condeno na imaginação e n'um so quadro, dispersas impressões risonhas d'estas caçadas, cerro os olhos, e vejo um planalto de viçoso e curto matto a que chega a linha dos caçadores.

Os perdigueiros dão signal de caça. Está bello o sol, e quente mesmo para prender as perdizes depois do frio nordeste da manhã. Recolheram ali abundantes, á sesta apoz a comida nos proximos montados. Lá vae o Sousa na ponta direita, avançando rapido, contendo o «Prompto» (ou a «Troia»), que, menos bem que o «Bello», se não mantem debaixo da espingarda como elle sempre quer. Segue-se o Augusto — a quem a sorte foi propicia pondo-o, como elle desejava, ao lado do seu cyriueu — encaminhando, á cautellado o cão (ou tro «Bello»), e preparando-se para matar a perdiz saltada com o seu demorado e pouco fallivel tiro, não deixando de seguir com o seguro olho — de que é vaidoso — a revoada das que escapam.

Vem ao lado o Caupers, o mais idoso de todos, mas tão rijo e de melhor vista que qualquer de nós, indicando, com a mão para que olha ao mesmo tempo por ser bonita, o vôo da perdiz que fugiu ao tiro. Leva o «Rainbow», do qual, eu, ingrato, me desprendera, e a «Gastinne & Renette» por mim para elle comprada em Paris, com que nem sempre, apesar da sua cautellosa pontaria, só na caça acertava.

A distancia diviso o Oliva, rubro já, com o cinto cheio de perdizes, que a maré da caçada lhe deu n'um prompto, convencendo, em doce conversa, o seu «Roldão» de favorecer-lhe ainda ensejo ao seu certoiro tiro.

O Queiroz, sem cão demora-se um pouco atraz, e, apesar de caçar mais por hygiene, pensa comtudo, se d'essa vez matará a sua primeira perdiz, ou se a má sorte quererá ainda que o chumbo vá para algum dos cães alheios, que elle observa.

E estou vendo ainda um outro, de quem me não esqueci, apesar de só agora d'elle me occupar: o José Machado de Faria e Maia; forte, caçador de paixão e atirando bem; o primeiro caçador das ilhas; parente do Caupers, que o levára a convite do Sousa. Fica tambem atrasado — como sempre vinha quando não perdido — aos gritos pedindo auxilio para lhe acharem a espingarda que perdera no matto e largára das mãos que por necessidade tivera de applicar a outro fim.

E eu vejo-me, olhando mais para os outros do que cuidando em mim proprio, acompanhado do meu «Rain».

Na ponta opposta ao Sousa, ia o Manso, ou o Carlos, dos taes que por obrigação o seguiam, e que, por isso, manhosos, empurravam para elle o fazer a volta. Aquelle só atirando á caça certa, que nem sempre matava assim mesmo, e contando a reis, os tiros que elle e os outros desperdiçavam; o Carlos, de chapéo e hombro á banda, delgado, mas rijo e atirando bem, desgostoso já do officio, dando só o indispensavel para justificar a paga.

Chegámos á borda do planalto sobranceiro ás quebradas que se vão esbatendo, ao longe, á vista, em planatos até morrer no sopé da serra de Portalegre, no distante horizonte. A' direita vê-se, por entre o arvoredor, a Flor da Rosa, esse pittoresco e poetico convento dos templarios, onde jaz o seu fundador, o pae do condestavel Nuno Alvares Pereira; e, mais affastado, o Crato, de gloriosas recordação historica; monumento e terra, de feição tão portugueza, que se cazavam, no passado e no presente ainda, com a dura paisagem e a forte gente.

Bebendo aquellas ares, não era muito exigir que fossemos heroes com as perdizes que se levantavam por fim numerosas: umas, em bando, precipitando-se, bico abaixo, no espaço, de aza serena, com o sol nas pen-

nas a fazer reflexos que as tornava visiveis na remota revoada, outras saltando em pequenos magotes ou isoladas, com a aza estridula, a arrear, e em diversas direcções, pondo o atirador indeciso na escolha. Atiraram todos — menos o Machado ainda sem espingarda — e todos mataram.

O Sousa derrubou a sua perdiz longe, como frequentemente lhe succedia, com os compridos cannos da sua Westley & Richards, cujo tiro da polvora negra, que nunca repudiara, parecia um trovão, e o fazia, com o recuo, retroceder um passo.

O Augusto dobrou mais uma vez os tiros, o Oliva accrescentou mais uma perdiz ao já bem provido cinto, e ao Caupers cahiu a sua primeira d'aquelle dia — conta em que muitas vezes ficava. — Até o Queiroz matou, emparelhando commigo a sua, — a tal sua unica de toda a sua vida de caçador commosco — que a sorte quiz lhe pertencesse.

O Manso e o Carlos tendo cada um apanhado aquellas a que atiraram, só eu fiquei sem nenhuma.

Despontava, porém, a esse tempo em mim, viçosa, essa boa e santa resignação que no encerrar do cyclo da existencia dá forças para attenuar desgostos da perda de glorias que os tempos vão convertendo em ephemeras vaidades, de que mofamos, e que até depois esquecemos.

Não as esqueci ainda, e até as recordo com o prazer que me davam, accrescido com a vontade de rir que os desgostos que por ellas soffri, me dão agora; agradecendo ainda a Deus o ser castigado por esta tão doce forma da presumpção em que peccava, com a ufania das minhas proesas.

Lisboa, 16 de janeiro de 1900.

\*\*\*

## CAÇA

### Club dos Caçadores do Porto

Protesto que este Club mandou ao parlamento contra o projecto de caça:

*Senhores:*

Constando ao *Club dos Caçadores*, d'esta cidade, que de novo vae ser submettido á apreciação do Parlamento o projecto de lei sobre caça que o anno passado, com o n.º 132, chegou a ter os pareceres favoraveis das commissões de administração publica e legislação civil, e havendo no projecto disposições que muito contrariam os caçadores e immensamente dificultam e impossibilitam até a observancia e fiscalisação da propria lei, este Club, muito respeitosa e, vem pedir a attenção d'esta digna Camara para as referidas disposições e especialmente para as que passa a indicar, que tem como de maior consequencia.

Constituem a primeira as palavras «armas» e «no exercicio da caça», do art. 3.º do projecto.

A redacção d'este artigo, tal qual se acha, obriga o caçador a munir-se não só da licença para caçar mas ainda d'outra de uso e porte d'arma de fogo para cada espingarda que transporte, porque a licença para caçar, segundo o espirito do citado artigo, sómente lhe dá direito a usar d'arma no exercicio de caça.

A segunda disposição encerra-a o n.º 3 do art. 17.º em todas as palavras que se seguem á palavra «murados». Essas palavras significam, por assim dizer, a prohibição absoluta da caça para o caçador sem meios de fortuna, porque os poucos terrenos que existem sem as simples vedações a que se refere o n.º 3 do art. 17.º, principalmente aquellas onde se costuma caçar á codorniz, facilmente podem ser vedados por qualquer d'essas singelas vedações e convertidos em verdadeiros coutamentos, contra os quaes tanto se mostram hostis em seus pareceres as alludidas commissões parlamentares.

No art. 23.º marcam-se dois periodos diferentes de caça, de encontro ao que, ha longos annos, reclamam os verdadeiros caçadores; e no § 2.º do mesmo artigo permite-se aos governadores civis o direito de consentirem que depois de

zo de Junho se possam caçar codornizes, rôlas, patos e outras aves de arribação!

Se até agora, Senhores, era difficil fiscalisar as leis que regem a caça com a prohibição estabelecida de se não poder caçar durante o *defeso* especie de caça alguma, approvado que seja esse § 2.º torna-se iuteiramente impossivel a sua fiscalisação—porque o caçador, allegando andar á caça de arribação, matará lebres, coelhos e perdizes e outra caça qualquer que lhe aprouver matar.

Esta disposição é, alem d'isso, contraria a todos os bons principios e ás proprias leis da criação, porisso que permite a destruição dos animaes antes de ter terminado por completo o periodo dos seus amores e de ser attingido o perfeito desenvolvimento da sua prole.

Contém ainda o projecto outros preceitos que deviam ser modificados ou supprimidos, mas esses não se afiguram a este Club de importancia tão capital que mereçam a sua especificação. D'entre elles destacam-se, contudo, uns, que, por se acharem no projecto em reforço d'outros, provocando o commettimento d'abusos ou devido a motivos d'outra ordem, vamos mencionar, pedindo que sejam invalidados uns e alterados outros: são os que se abrigam sob as rubricas dos capitulos 1.º, 3.º e 8.º, insertos no § 1.º e 2.º do art. 15.º art. 24.º, § 3.º do art. 29.º, § 2.º do art. 52.º, n.ºs 2.º e 6.º do art. 53.º, n.ºs 2.º, 3.º e 4.º do art. 55.º e art. 57.º

O *Club dos Caçadores*, a mais antiga collectividade venatoria que existe no paiz, porisso que data de 1878 a sua instituição, e, alem d'isso, a que primeiramente pensou na necessidade da promulgação d'uma lei geral sobre caça, ousa solicitar d'essa digna Camara:

1.º—Que o art. 3.º seja redigido de modo se harmonise com a pretensão d'este Club, isto é, que o caçador munido d'uma licença de caça, possa, durante a validade d'esta, caçar com ou sem arma ou armas de fogo, podendo tambem ter e transportar as de que houver necessidade emquanto a licença não caducar. Para este effeito, o Club toma a liberdade de indicar a seguinte redacção: Art. 3.º A todos, sem distincção de pessoas, é ficto caçar durante o tempo em que a caça fór livre, estando o caçador munido da respectiva licença, a qual dá direito ao uso e porte de arma ou armas de fogo;

2.º—Que o n.º 3.º do art. 17.º termine na palavra «murados»;

3.º—Que o art. 23.º seja modificado de maneira que o inicio e encerramento da epocha venatoria sejam eguaes em todo o reino, sendo a abertura da caça em 15 de agosto ou 1 de setembro e terminando no ultimo dia de fevereiro. Para assim se preceituar, poderia dar-se ao art. 23.º a redacção que se segue: E' prohibido caçar em todo o reino e ilhas adjacentes desde o dia 1 de março a 14 de agosto inclusivê;

4.º—Que sejam banidos o § 2.º do art. 23.º, o § 3.º do art. 29.º e o § 2.º do art. 52.º;

5.º—Que sejam egualmente eliminados o n.º 6.º do art. 53.º e n.ºs 2.º, 3.º e 4.º do art. 55.º pela sua superfluidade no projecto, uma vez que os proprietarios estão por outras disposições penaes sufficientemente garantidos em seus direitos, e especialmente por aquelles que lhes dá o art. 22.º;

6.º—Que a faculdade concedida aos caçadores pelo art. 26.º não possa ser exercida senão sob o consentimento de sociedades cynegeticas; aliás podem ser commettidos os mesmos abusos que trazem as considerações apresentadas com relação ao que permitem o art. 23.º e seu § 2.º. Afim de ter logar o que se pretende, lembra o Club que ao art. 26.º se accrescente o seguinte paragrapho: Para que se possa usar da faculdade d'este artigo, é necessario aos caçadores licença de qualquer sociedade venatoria legalmente constituída, que tenha por fim a vigilância do *defeso*, e que esta licença, que não dispensa a de que trata o artigo 3.º, seja confirmada pelo administrador do concelho onde o possuidor residir;

7.º—Que a ultima regra do art. 55.º passe a fazer parte do art. 22.º;

8.º—Que o art. 9.º conste do art. 5.º, conforme constam os artigos 10.º, 11.º, 12 e 13.º;

9.º—Que o praso para a apresentação das licenças mencionadas no § 1.º do art. 15.º seja de 15 dias em vez de 8;

10.º—Que o deposito de 10\$000 réis a que se refere o § 2.º do mesmo art. 15.º passe para 5\$000 réis;

11.º—Que ao n.º 2.º do art. 53.º sejam adicionadas, onde elle termina, as seguintes palavras: sendo estes perdigueiros, e desatrelados quando sejam de matilha;

12.º—Que, para se harmonisar com o § 1.º do art. 15.º, o praso de 8 dias a que se refere o art. 57.º seja substituido pelo de 15 dias;

13.º—Que no art. 24.º se risquem as palavras «ou vedados», depois da palavra «murados»;

14.º—Que se outro projecto fór ou tiver sido

apresentado á approvação das camaras que não seja aquelle a que se refere este Club, não tenha logar a sua approvação senão estando de harmonia com o sentir d'esta sociedade.

*Senhores*: A pratica de vinte e dois annos que o *Club dos Caçadores* possui sobre assumptos venatorios não lhe permittiu que ficasse silencioso ao tratar-se d'um documento que tão de perto e directamente lhe diz respeito; é, pois, por tal motivo e por estar convencido da justiça da sua causa, que, com o maior respeito e bom empenho, manda ao Parlamento a representação presente, pedindo que, depois de modificado o projecto alludido (com o n.º 132), de harmonia com o que vem de indicar, o mesmo seja convertido em lei, pelas razões que acompanham o projecto n.º 131-A, appenso áquelle a que este Club se refere, abstraindo das que dizem respeito a coutamentos, que não se congraçam com a moderna civilisação e muito principalmente com os principios liberaes.

E. R. M. cê

Porto, Club dos Caçadores, 19 de março de 1900.

## A lei da caça

Dividem-se as opiniões, contra o que era d'esperar, sobre a conveniencia ou inconveniencia da promulgação d'uma lei geral sobre caça, e cada um que apresenta a sua fal-a acompanhar de proposições e corollarios em favor do seu modo de pensar acerca do assumpto. E' justo e legal que cada qual assim proceda, como legal e justo é que se considerem as ponderações de todos. Em todo o caso devemos convir que é necessario chegar-se a um fim, quer a razão esteja da parte d'uns, quer esteja da parte d'outros.

Qual o caminho a seguir para se obter uma solução, que ponha termo ao pleito que se litiga entre a classe dos amadores da caça?

Está á vista, e bem plano e accessivel elle é.

O que se tem feito até agora admitta-se como exordio do que é preciso que se faça, e prosigamos, d'ora avante, unidos, sem laivos de resabio, para se poder chegar á conveniente conclusão.

Ha muito que se reconhece a necessidade d'uma lei geral sobre caça, para acabar com esses fragmentos de legislação, doentios e incompletos, dispersos e de diversos paladares, que, desde longa data, estão a reclamar reforma.

Ha muito que isto se reconhece.

Ha muito que se pede a codificação de essa lei e regulamentos venatorios, para que em um documento só tudo se veja incorporado, depois de corrigido de modo que convenha a gregos e a troyanos.

Isto mesmo tem sido reclamado pelas associações de caçadores, que nunca deixaram de confessar tão imperiosa e urgente necessidade.

Como é, pois, que agora, em vez de se continuar no mesmo tom, se muda, de repente, para outro, retrocedendo-se ao tempo das lamurias e queixumes contra os desannexados regulamentos, feitos com mais sal ou menos sal, uns com pimenta outros sem ella, regulamentos, finalmente, que cada cabeça decretou como mais lhe aprouve, e amanhã alterará conforme imaginar, ou a isso for levada por influencias de momento?

Não sahio perfeito — o que não é para admirar — o trabalho dos srs. doutores Paulo Cancelli e Henrique Anachoreta: não sahio perfeita a emenda que a esse trabalho fez a commissão de administração publica, da camara dos srs. deputados, no anno de 1899. Mas, porque isso succedeu, ha de condemnar-se o projecto em tudo e por tudo, em vez de se tratar de o tornar bom, applausivel?

Ainda que não seja senão a titulo d'en-

saio, senão provisoriamente, converta-se o projecto em lei, depois de bem limado e polido, e hão de ver que não se arrependerá quem para isso concorrer.

São dignas da maior attenção as judiciosas considerações (exceptuando apenas uma) com que o illustre deputado sr. Franco Frazão preludei o projecto, persuadindo-me de que, se ellas fossem concedidas de todos os caçadores, a injusta resistencia sem limites que se move contra esse documento havia de desaparecer de todo.

Estou intimamente convencido de que os auctores do projecto, ao elaborar-o, tiveram só em mente concorrer para a propagação da caça entre nós, e não a ideia monopolisadora; e não se podendo negar que o seu trabalho encerra muito estudo e muita competencia, e, alem d'isso, muito amor e dedicação á arte de Santo Eustachio, aproveite-se esse trabalho e o ensejo de o aperfeiçoar, por que talvez não volte a offerecer-se para isso tão boa occasião.

Porto, março de 1900.

B. DE SÁ.

## Projecto de lei da caça

Tenho fallado com diversos caçadores relativamente ao projecto de lei da caça que tem de ser discutido na camara dos deputados, notando que a maioria d'elles se manifesta desfavoravelmente aos coutados, como nocivos aos caçadores que não fruam esse privilegio.

Velho caçador e quasi prestes a pedir reforma, visto que as gambias andam em acceso divorcio com as pedregosas encostas do alto Douro, venho, apezar d'isso, dizer o que penso sobre a referida lei em projecto.

Eu entendo que os coutados são um meio efficaz para a propagação da caça, e, quantos mais, maior é o numero de viveiros onde a caça pode crear á vontade, por que os seus arrendatarios serão os primeiros a reprimir os vandalismos que se praticam em todos os pontos do paiz, caçando no defezo, e rastejando as ninhadas dos ovos com que os gulosos, ou selvagens se banqueteiam.

A maior parte da caça no nosso paiz não é abatida por verdadeiros caçadores; é morta traiçoeiramente por profanos e ganhadores, como por meio do *chamo*, de perdigões engaiolados, á espera, outros ao laço e com diversas armadilhas no tempo do defezo.

Estabelecidos os coutados, é natural que os arrendatarios prefiram os locais onde a caça mais abunda, e onde possam ficar maiores reservas para a criação. Quanta mais vingar mais se propaga, porque a caça em geral quanto mais batida for em um local, mais debanda para outras paragens. Por isso o estabelecimento dos coutados não é só privilegio dos ricos, como se argumenta, é de todos, amadores e profissionaes, pois que mais probabilidades ha para a propagação da caça.

Eu costume caçar em uma propriedade, na região do alto Douro, que mede 12 a 14 kilometros de circumferencia. Esta propriedade adapta-se realmente a toda a caça, quer de penna quer de pello.

O seu proprietario, velho caçador, ahí mata o vicio ameadadas vezes, em companhia dos seus convidados; e residindo n'aquellas circumvisinhanças eximios atidores, elle tem dado ordem ao seu feitor para os deixar caçar, comtanto que para isso peçam licença.

E todavia na referida propriedade e suas

circumvisinhanças, não se tem notado falta de caça, antes augmentado d'anno a anno. E' que este proprietario, sendo caçador, tambem tem seu methodo.

Chegada certa altura, antes mesmo de se approximar o defezo, calculando que os bandos de perdizes estão muito dizimados, deixa de caçar, prohibindo a todo e qualquer que entre na propriedade para tal fim.

Não se diga, pois, que os coutados são privilegios de ricos.

Uma contraprova:

Quando os caçadores dos arredores da propriedade em questão apresentem uma caçada na mesma, apromptam-se immediatamente para caçar, mas a grande distancia dos limites d'aquelle terreno.

E que tenho eu visto?

Não poucas vezes os taes desprivilegiados trazem pendentes dos seus cinturões maior numero de cabeças de caça do que eu e os meus companheiros.

E isto explica-se.

Quanto mais batida é a caça em um certo e determinado local, quantos mais forem os levantes, para maior distancia chegam os vóos, e, meio cançada, com mais precisão se faz a pontaria.

E digam que os coutos significam privilegio.

E' por isso que eu me inclino a favor dos mesmos, pois tenho a certeza de que os seus arrendatarios serão caçadores, e como taes empregarão todos os meios de augmentar e não extinguir a caça dos seus coutados; e augmentando n'estes, do mesmo modo augmentam em terrenos não coutados.

Por ultimo, emittindo a minha humilde opinião, direi:

Ou coutados que representam viveiros, ou remodelação completa das leis da caça, mas leis não sómente para serem lidas como as existentes, mas para serem executadas com todo o rigor.

E se poder ser uma coisa e outra, com isso muito lucraria o paiz, porque abundaria a caça nos mercados, e teriam ensejo os amadores de uma distracção agradável e hygienica.

Mas como provavelmente fica tudo como d'antes, eu, como velho caçador, vou aconselhando os mais novos para se exercitarem no tiro ás laverças, porque n'este andar, em breve tempo os proprios parões e mais passarada indigena tudo será exterminado no tempo do defezo.

Porto, 31 Março 1900.

FERREIRA MÚAZE.

### Associação dos Caçadores Portuguezes

Em a noite de 27 do mez findo, realizou-se a assembleia geral d'esta associação para tratar da lei de caça. Depois de fallarem varios socios, todos contra a lei, foi approvada uma proposta do sr. Senna para ser nomeada uma commissão que, com a direcção, elabore o protesto a levar ao parlamento contra a referida lei.

Esta commissão ficou composta dos srs. Jayme Aldim, Joaquim Vieira Caldas, Victorino Almada Junior e Adolpho Senna. A' assembleia presidiu o sr. Manuel Figueira, sendo secretariado pelos srs. João Carvalho e Henrique Brederode.

O nosso amigo o sr. dr. Paulo Cancela, que tem sido sempre o presidente da direcção e um dos fundadores da associação, vendo a opinião contraria ao projecto de lei de que é um dos auctores, pediu a sua demissão de presidente da direcção.

Sentimos vêr estas divergencias tão prejudiciaes aos interesses dos caçadores; preferiamos vêr chegar todos a um accordo que, naturalmente, daria muito melhores resultados.

No dia 3 reúne novamente a assembleia geral para a eleição do presidente e thezoureiro da direcção, 1.º secretario da assembleia geral e um vogal do conselho fiscal.

### Julgamento

Em um nosso collega achamos a seguinte noticia:

Foi hontem julgado, em audiencia correccional, Antonio Casaca, natural de Galveis, da comarca de Ponte de Sôr, accusado de caçar com *ferros* ou *cepos*. O réu confessou espontaneamente o facto de que era accusado. Foi condemnado em 30 dias de prisão e 40 dias de multa, remiões, na razão de 100 réis por dia.

Achamos pouco, e sobre tudo, pena é que não se chegasse a saber quem eram uns trez companheiros do réu. Este, foi o bode espiatorio, os collegas ficaram rindo-se do cazo e promptos a continuarem o rendo *officio* pelo qual, segundo consta, havia noute em que os quatro apanhavam 50 coelhos!

### Apprehensão de perdizes

No dia 14 do mez findo, foram apprehendidas na repartição das encomendas postaes, no Terreiro do Paço, uma caixa com umas poucas de perdizes.

Esta bella encomenda tinha sido remetida de Moura, por Augusto Fernandes Madureira para Lisboa a Luiz Cardoso Marques, morador no largo da Graça, n.º 63 3.º andar.

Não podemos, porque não sabemos, dizer aos nossos leitores qual o castigo que foi applicado aos infractores.

As associações devem lembrar-se que entra caça em Lisboa por mil meios diversos e que este é um assumpto que se não pôde abandonar.

## VELOCIPEDIA

*Policia cyclista — Os 100 kilometros em cinco horas — O' tempora, ó mores! — Contra a gordura — O cyclismo no Transwaal — Conselhos uteis — Varias noticias.*

Vae ensaiar-se em Paris a utilização da bicycleta pelos agentes policiaes em serviço.

A primeira experiencia será feita no bairro de Passy, que a esse fim melhor se presta, porquanto as suas enormes avenidas e a solidão das suas ruas, pouco concorridas, o tornam sobremodo propicio ás proezas dos malfeteiros, e difficultam immensamente a acção vigilante e efficaz da policia a pé.

Do ensaio a que alludimos espera-se obter os mais satisfatorios resultados, pois é evidente que os agentes cyclistas, podendo transportar-se rapidamente de um ponto a outro, serão para os gatunos e desordeiros uma ameaça permanente, e, como todos sabem, o mais seguro meio de repressão é o medo.

Apenas termine este primeiro ensaio, será logo generalizada a policia cyclista a todos os bairros da periphéria da grande cidade. Quanto aos do centro, parece que ficarão exceptuados d'essa innovação, por entender-se que, em virtude da circulação excessiva que n'elles ha constantemente, a bicycleta, longe de auxiliar, difficultaria o serviço policial.

Quando teremos entre nós policia cyclista? Em França já ella existia de ha muito, mas limitada unicamente aos suburbios da capital. Nos Estados Unidos e

na Inglaterra tambem de ha muito a policia utilisa em serviço o efficaz e valioso auxilio da bicycleta; mas em Portugal, onde tudo quanto é innovação, embora da mais reconhecida vantagem, chega sempre *trop-tard*, — em regra quando no estrangeiro já passou a velharia — não pôde restar duvida de que não teremos policia cyclista por estes annos mais proximos.

Foi em geral bem recebida pelos cyclistas francezes a redução a cinco horas do tempo maximo concedido para a realisação das provas de 100 kilometros da U. V. F.

Estas provas, como é sabido, dão direito a um diploma, que representa, por assim dizer, a consagração official da capacidade e aptidões dos cyclistas que o obteem, sendo como tal disputado com o maior interesse por todos aquelles que prezam os seus creditos. Tendo sido, porém, instituidas em 1890, isto é, n'uma epocha em que as machinas velocipedicas eram de construcção muito mais imperfeita, de 20 a 25 kilos de pezo, e munidas todas de borrachas macissas ou óccas, o tempo de seis horas, fixado para essas provas, e que dava uma media de 16 kilometros 666 metros á hora, era rasoavel e perfeitamente justificado. Dado, porém, o successivo aperfeioamento das machinas, que permite actualmente, com muito menor esforço, obter velocidades muito mais consideraveis, a redução d'aquelle tempo maximo a cinco horas impunha-se de ha muito, pois não podia já ser considerado façanha digna da consagração a que nos referimos, o percorrer 100 kilometros em seis horas, quando não é muito difficil effectuar esse percurso até em menos de cinco.

Annuncia-se a chegada a Roma de uma peregrinação cyclista, organizada pelo club sportivo catholico «Avanguardia», de Padua. Os peregrinos pôr-se-hão a caminho no dia 1 de abril, e parece que serão entusiasticamente recebidos na cidade eterna por um grupo de cyclistas romanos, que irão mesmo ao seu encontro a grande distancia.

Ahi está o que faz o progresso! Outr'ora as pessoas piedosas dirigiam-se a Roma *pedibus cum jambis*, para alcançarem as promettidas indulgencias; actualmente preferem ao comboio o prazer de uma viagem em bicycleta! E' caso para repetir a velha phrase: *O' tempora, ó mores!*...

Um engenheiro americano submetteu-se recentemente a uma experiencia que vamos noticiar, porque ella interessa pelo menos ás pessoas gordas que desejem emagrecer.

Dava o referido engenheiro quotidianamente um passeio velocipedico de 7 kilometros, que ás vezes, em dias excepçoes, prolongava até 27 kilometros. Durante esse passeio transpirava abundantemente, pois que, de mais a mais, bebia muito e era muito gordo, e além d'isto não procurava diminuir a sua alimentação habitual.

A principio pezava 100 kilogrammas, mas ao cabo de cerca de tres mezes o seu pezo estava reduzido a 96 kilogrammas. Em media perdia diariamente 60 grammas de pezo; mas certo dia, depois d'um percurso de tres horas em pleno mez de agosto, diminuiu 2 kilos 265 grammas. Além d'isto, em virtude da abundante transpiração e das precauções tomadas, haviam-lhe desaparecido por completo to-

das as tendencias que tinha para os reumatismos.

Ficam avisados os gordos que pretendam ser magros: — recorram á bicycleta e verão satisfeitos os seus desejos.

Ha no exercito boer cerca de 500 cyclistas, encarregados unicamente do serviço de estafeias e esclarecedores. Entre esses cyclistas contam-se algumas creanças, o que, como poderia supôr-se, não tem só por fim economisar combatentes, como o prova a seguinte anecdota que os jornas referem:

Por occasião de um combate nas proximidades de Estcourt, dois rapazes, um de 12 outro de 14 annos, approximaram-se demasiadamente do campo inglez, do que lhes resultou serem presos e interrogados. Em resposta declararam, o mais ingenuamente possível, que eram estudantes, que tinham feito gazeta á escola para verem de perto os uniformes inglezes. Riram-se d'esta resposta e deixaram-nos ir em liberdade.

Os dois rapazes voltaram junto dos seus a contar o que tinham visto e ouvido, descrevendo com a maior exatidão possível a posição inimiga. Uma verdadeira *partida* de rapazes, habilmente executada!

E a proposito de cyclismo no exercito boer, daremos uma outra anecdota que corre como veridica.

Um dia, em 1897, discutiam os transvaalianos a acquisição, na perspectiva de uma guerra possível, de um certo numero de bicycletas da marca Z.

Kruger assistia á discussão fumando no seu inseparavel cachimbo. Alguem, casualmente, notou que a referida marca era ingleza. Ouvindo isto, o presidente depoz o cachimbo, o olhar illuminou-se-lhe, e, acompanhando a phrase d'um alentado murro sobre uma banca, disse:

— Não quero machinas inglezas pagas com o nosso dinheiro. Compre as machinas que quiserem, mas inglezas não!

E não tiveram outro remedio senão adquirir machinas allemãs.

Um conselho que encontramos n'um jornal estrangeiro, e que os nossos leitores tomarão na conta que deva merecer:

Antes de encherem os pneumaticos das suas machinas façam funcionar repetidas vezes, e com rapidez, o embolo das respectivas bombas, para assim expulsaem a poeira que no corpo d'estas se tenha depositado. Não tomando esta precaução, a poeira entrará na valvula, impedindo que esta se feche hermeticamente, e dará assim occasião a que o ar se escape com mais facilidade.

Outro conselho igualmente util — se porventura o fôr — é este que se nos depára no *Velo*: «Ha um meio simples e pouco dispendioso de reparar uma camara de ar que se tenha tornado porosa. Antes de encher-lhe de ar injecte-se-lhe, com o auxilio de uma bomba, um pouco de leite não fervido. Em seguida introduza-se-lhe o ar, e, se ainda o não retiver, depeze-se e introduza-se-lhe um pouco de talco. Segundo o alludido jornal, por este meio ter-se-ha conseguido o resultado que se deseja.

Vae abrir-se na Italia um concurso, reservado aos poetas d'aquelle paiz, e cujo fim consistirá na escolha de um hymno cyclista nacional dedicado ao Touring-Club Italiano. Este concurso será dotado com importantes premios, taes como objectos de arte de grande valor, e uma bonita bicycleta destinada ao auctor da melhor composição.

Com grande surpresa chegou ao nosso conhecimento a noticia de se terem realizado no Jardim Zoologico, em 18 do mez ultimo, umas corridas de bicycletas «promovidas pelo Touring-Club».

Motivo tal surpresa o facto de julgarmos que uma sociedade com semelhante denominação se occuparia exclusivamente, como as suas homonymas do estrangeiro, de excursionismo (tourismo).

O Touring-Club de França prohibe mesmo aos seus associados, sob pena de serem riscados, que, sob a bandeira da associação, tomem parte em corridas. Entretanto, o Touring-Club nacional promove, como vemos, corridas velocipedicas no Jardim Zoologico! E' caso para se repetir a conhecida quadra:

N'este mundo em que vivemos  
E' tudo contradicção:  
Os pretos caíam de branco,  
Os brancos vendem carvão.»

A comissão installadora da União Velocipedica Portugueza deliberou enviar a cada um dos socios inscriptos um exemplar impresso do projecto de estatutos da mesma União. Por esta forma ficam os mesmos socios habilitados a poderem estudar detidamente o referido projecto, e a proporem á assembleia, que sobre elle tem de resolver, as emendas, additamentos ou suppressões que julguem convenientes. Aos socios que, por viverem fóra da capital, ou por qualquer outro motivo, não poderem comparecer ás sessões, ser-lhes-hão accites, por escripto, as propostas que enviem á comissão installadora, tanto referentes aos estatutos, como a qualquer outro assumpto que interesse a União.

E por hoje nada mais. A gripe, que, como a toda a gente, tambem nos não poupou, obriga-nos a restringir a chronica d'esta quinzena. E muitas graças lhe devemos por não nos ter deixado em situação de nem mesmo o pouco que ahi fica podermos escrever!

MAGALHÃES FONSECA.

## PEDESTREANISMO

Para inauguração d'um novo club, realisou-se, no dia 18 ultimo, um certamen pedestre, na pista do velodromo do Jardim Zoologico.

Entre os corredores que tomarão parte n'essas corridas devemos distinguir Raul Flores, que disputou valentemente o unico premio da corrida *Campeonato do Club*, e José da Costa Nascimento, que ganhou o primeiro premio da corrida *Nacional* com duas voltas de avanço sobre os seus competidores. O primeiro d'esses corredores pertence á velha guarda e estava desde ha muito afastado do pedestreanismo, sendo a sua reaparição em pista bastante festejada. Nascimento é um corredor moderno, mas de incontestavel valentia e com bastantes disposições para o *sport* a que se dedicou.

Algumas das corridas foram bem disputadas, mas outras fizeram-se sem quasi o publico dar por isso, visto que, sendo 3 corredores para 3 premios, como nas 5.<sup>a</sup> (seniors fortes) 7.<sup>a</sup> (equipes) e 8.<sup>a</sup> (seniors fortes) todos tinham a certeza de serem premiados, salvo algum caso extraordinario, e pouco se importavam com o tempo a gastar. Porque não eliminou o club um dos premios, para melhor exito das corridas? Talvez esquecimento, o que se não dava se o club possuisse um regulamento de corridas em fórma. Adiante.

O jury portou-se muito regularmente, sabendo manter a ordem dentro da pista e evitar qualquer reclamação da parte dos pedestreanistas. O resultado do certamen foi o seguinte:

1.<sup>a</sup> corrida — 90 metros — *Velocipede*. — 1.<sup>o</sup> premio, medalha de *vermel*, ganha por José de Sousa Bastos, que gastou 1' e 3/4"; 2.<sup>o</sup>, medalha de prata, Augusto Costa; 3.<sup>o</sup>, medalha de prata oxidada, José de Lima Pereira.

2.<sup>a</sup> corrida — 2 voltas — *Juniors*. — 1.<sup>o</sup> premio, medalha de *vermel*, Alfredo Madureira, que fez o percurso em 2' e 18"; 2.<sup>o</sup>, dita de prata, José de Sousa Bastos; 3.<sup>o</sup>, dita de prata oxidada, Seraphim M. da Silva.

3.<sup>a</sup> corrida — 20 voltas — *Campeonato do club*. — unico premio, medalha e collar de ouro. Ganhou Raul Flores, que levou 31' e 45".

4.<sup>a</sup> corrida — 4 voltas — *Seniors fracos*. — 1.<sup>o</sup> premio, medalha de *vermel*, ganha por José de Lima Pereira, que gastou 5' e 40"; 2.<sup>o</sup>, medalha de prata, Alberto de Menezes; 3.<sup>o</sup>, dita de prata oxidada, Alfredo Madureira.

5.<sup>a</sup> corrida — 8 voltas — *Seniors fortes*. — 1.<sup>o</sup> premio, José de Sousa Jordão, que gastou 11' e 30"; 2.<sup>o</sup>, Joaquim Prazeres. Os premios eram, respectivamente, medalhas de *vermel* e prata. O terceiro premio ficou em poder do club, por ter desistido á 4.<sup>a</sup> volta um dos corredores.

6.<sup>a</sup> corrida — *Campeonato do curso de lançamento de pesos* — unico premio, medalha de *vermel*, ganha por Alfredo Madureira, que attingiu a distancia de 6<sup>m</sup>40.

7.<sup>a</sup> — corrida — *Equipes* — 4 premios, sendo 2 medalhas de *vermel*, ganhas pelo equip Jordão Prazeres e 2 diplomas de medalhas de prata, ganhos pelo equip A. Sousa e Moreira da Silva. Á equip Jordão Prazeres deu handicaps a Sousa Silva, visto serem juniors estes corredores.

8.<sup>a</sup> corrida — 12 voltas — *Nacional*. — 1.<sup>o</sup> premio, medalha de *vermel*, ganha por José da Costa Nascimento, que fez o percurso em 16'; 2.<sup>o</sup>, medalha de prata, ganha por Sousa Jordão; 3.<sup>o</sup>, idem de prata oxidada, ganha por José S. Prazeres.

9.<sup>a</sup> corrida — 1 volta — *Obstaculos*. — 1.<sup>o</sup> premio, medalha de *vermel*, ganha por Sousa Bastos em 1' e 3/4"; 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup>, diplomas, ganhos por L. Pereira e Menezes.

Terminadas as corridas, o jury distribuiu os premios aos vencedores, que ouviram bastantes palmas, e ás 6 horas da tarde começou o jantar, n'um dos melhores restaurants, tomando parte a direcção do club, corredores e jury. Trocarão-se varios brindes, sendo saudada com enthusiasmo a imprensa, o que pela nossa parte agradecemos.

Z.

## TAUROMACHIA

Revista quinzenal

Em 18 de março, realisou-se na praça d'Algés a inauguração da época com uma corrida de 10 touros de Emilio Infante que sahiram bons, não só na apresentação como na bravura que demonstraram.

Manuel Casimiro farpeou os seus bichos com o luzimento do costume e Fernando d'Oeiras teve sortes muito limpas e executadas com toda a seriedade.

*Algabeño* ouviu applausos no *trasteo* e na forma de simular as estocadas. A bandarilhar esteve nullo e com o capote a mesma coisa.

Os seus bandarilheiros Rodas e *Patate-rillo* muito bem a *parcar*. Os nossos toureiros, seguindo o seu estylo de pôr bandarilhas, cumpriram a sua obrigação, deixando farta lenha no cachaço dos touros.

Calabaça, Raphael, Theodoro e Cadete, por tal motivo, ouviram tambem muitas palmas e á mistura algumas piadas do sol, das quaes competiram maior numero a Theodoro, por ter feito duas sahidias seguidas ao alternar com Cadete. Raphael tambem escutou uns doestos de alguns sujeitos da sombra, por ser... abonado de rendimentos e pretender pela sua actividade em negocios que intenta, uma posição livre e desafogada que lhe permita na velhice não ter de recorrer aos beneficios e, portanto, á caridade do publico.

E. D'A.

### Associação Tauromachica Humanitaria Rainha de Portugal

D'esta benemerita e utilissima instituição recebemos um convite para a assembleia geral d'installação, realisada na sala do Real Colyseu de Lisboa, convite de que infelizmente não nos podemos utilizar porque trabalhos urgentes nos impediram d'isso.

Juntamente recebemos um exemplar dos estatutos da Associação Tauromachica Humanitaria Rainha de Portugal, por onde se vê que esta nova agremiação, que merece o apoio e a protecção de todas as classes, foi iniciada pelo eximio cavalleiro portuguez Manoel Mourisca Junior, uma das glorias do toureiro montado.

Ha quatro classes de socios: honorarios, benemeritos, beneficentes e effectivos.

Os socios da 1.<sup>a</sup> classe pagarão, alem do seu diploma, uma quota annual de 600 a 36\$000 réis, que lhes dá direito a um bilhete gratuito na grande corrida que a Associação dá annualmente, sendo esse logar em relação á importancia da referida quota.

Esta corrida será d'uma sumptuosidade deslumbrante, lidando-se durante a tarde vinte touros sendo dez corridos á portugueza e os outros dez ao estylo de Hespanha, entrando na quadilha quatro ou mais cavalleiros, dois primeiros espadas e as suas quadrilhas, os mais afamados peões nacionaes e dois grupos de forçados.

Os touros que se lidarem serão puros e terão a idade nunca inferior a quatro ou cinco annos, sendo tambem perfeitamente saos e sem defeitos nos corpos, armamentos ou vists.

Caso o *ganadero* não apresente touros de lide na rigorosa e justa acção da palavra, não lhe será satisfeita a importancia do aluguer.

Para fiscalisar este assumpto ha um jury composto de individuos da maior competencia, nomeados e convidados pelo conselho director de commum accordo com o fornecedor dos touros, não podendo os membros do referido conselho fazer parte do citado jury.

A associação concede pensões aos toureiros que se inhabilitem, mediante certas e determinadas condições que os seus corpos gerentes apre-

ciam e de conformidade com o preceituado nos seus estatutos.

Na assembleia geral de 4 de março foram eleitos para os cargos que se seguem os seguintes cavalheiros, que certamente darão a esta sympathica aggração todo o impulso de que necessita.

#### ASSEMBLEIA GERAL

##### EFFECTIVOS

Presidente — Conde de Figueiró.  
Vice-presidente — Conde de Valle Flór.  
Secretario — Carlos Krus.  
Vice-secretario — Manoel Figueira.

##### SUPPLENTES

Visconde de Alferrarede.  
Dr. Francisco d'Oliveira Feijão.

#### CONSELHO DIRECTOR

##### EFFECTIVOS

Presidente — Visconde d'Asseca.  
Vice-presidente — José Maria Gomes Pinheiro  
Secretario — D. José Luiz de Sousa Coutinho.  
Vice-secretario — Theodoro Pinto Basto.  
Thezoureiro — Conde de Lavradio.

##### SUPPLENTES

Conde de Fontalva.  
Domingos Pinto Barreiros.  
D. Antonio de Siqueira.  
Visconde d'Alverca.  
Visconde da Graça.

#### CONSELHO FISCAL

##### EFFECTIVOS

Antonio José Gomes Netto.  
Carlos Anjos.  
Conde de Burnay.

##### SUPPLENTES

Carlos Ferreira dos Santos.  
Souza Lara.  
Jorge O'Neil.

Emfim a Associação de que vimos tratando é, no genero, um modelo e, terminando fazemos votos sinceros para que os seus iniciadores e fundadores não esmoreçam na ingrata tarefa a que se dedicaram, á imitação do que succedeu com a *Sociedade Cooperativa e Caixa de Pensões aos artistas Tauromachicos Portuguezes* que, por falta de tino e tambem um pouco por falta de solidariedade, já no anno findo não deu a sua corrida annual e no presente cremos que se dissolverá se d'entre os poucos interessados não houver alguns que lhe accudam a tempo.

E. d'A.

## CORRESPONDENCIA

### Porto

Reuniu no dia 3 do corrente a assembleia geral do Real Velo Club do Porto para apreciação do Relatório e contas da gerencia, parecer do Conselho Fiscal e eleição dos corpos gerentes.

Foi bastante concorrida, havendo uma discussão de nenhuma importancia sobre um ponto do relatório considerado pouco claro; e ainda que as declarações do digno secretario da direcção satisfizeram plenamente a todos, será lícito declarar aqui, que esse ponto, que era o que se referia ao decrescimento do numero de socios effectivos, (30 a menos que o anno passado), a intelligencia mais acanhada o poderia decifrar. O Real Velo Club do Porto conta cerca de 248 socios effectivos, mas d'este numero não haverá talvez, segundo o nosso calculo, 150 cyclists.

São estes ultimos os unicos que, pondo de parte a questão de corridas ou espectaculos, teem algumas regalias no Club, como: limpeza de machinas, jogos gratuitos, abatimentos em hoteis e estabelecimentos etc.; em quanto que os outros, apenas são socios para gosarem alguma festa ou corrida que o Club organisa.

Ora, o R. V. C. P. não pode promover durante o anno senão algumas excursões e passeios, que só os cyclists poderão gosar; é pois *naturalissimo* que os socios não cyclists, que do Club não teem vantagem, se despeçam, mesmo porque no nosso paiz o amor pelo sport *ainda está por nascer!!!*

E para se ver como os nossos sportsmen se interessam pelos seus clubs apontarei alguns factos que bem attestam o que digo.

Quando se reformaram os estatutos do R. V. C. P. a assembleia geral compunha-se apenas da mesa e cinco socios!!!

Era uma assembleia extraordinaria, e tratava-se da reforma da lei organica do Club, que a todos devia interessar; mas, de 280 e tantos socios que o Club tinha n'essa occasião, só compareceram oito que se interessassem por assumpto tão importante!!!

Em outras duas ou tres assembleas extraordinarias a concorrência foi enorme, mas *não se tocou nem de leve em nada que fosse para interesse do sport, que é o unico fim para que foi creado o Club!*

Voltando ao relatório: é um trabalho primoroso e bem elucidativo da vida do Club, que mostra bem claramente o estado realmente prospero em que elle se encontra; não é um relatório *encapotado nem com contas arregladas ad hoc, é feito com seriedade e rectidão.*

Ao sr. commendador Motta Ribeiro, que tem sabido occupar o seu logar de secretario por uma fórma brilhante, como nenhum outro ainda o fez, damos os nossos parabens por ver tão prospera a aggração que sua ex.<sup>a</sup> foi salvar quando ella se encontrava n'um câhos, e em que não houve nenhum *salvador* que quizesse arrostar com o trabalho da sua reorganisação, que não foi pequeno.

Os *salvadores* só apparecem com os seus valiosos serviços quando já ninguém d'elles precisa.

Os nossos amigos srs. Ricardo Garcia e Gomes, Amadeu Muaze, Olyntho Muaze e Achilles Muaze, que no dia 16 do corrente partiram a realizar uma excursão pela Galliza, foram muito infelizes, não tendo podido, em consequencia do mau tempo, passar alem de Pontevedra d'onde voltaram esta cidade.

Na proxima quinta feira, 22, realisa-se, por iniciativa de um grupo de socios de que faz parte o guia do R. V. C. P. o sr. Achilles Muaze e tambem o sr. Huberto Marinho, uma festa de sport na nave central do Palacio de Crystal, cujo programma é o seguinte:

#### PROGRAMMA

- I—Corrida de fitas em bicycletas (homens).
- II—Corrida a pé, original (4 voltas).
- III—Concurso de patinagem.
- IV—Corridas de fitas em bicycletas (senhoras).
- V—Corridas de fitas em patins.
- VI—Corridas de obstaculos em patins.

Premios para todas as corridas: objectos d'arte e fitas.

A corrida II será feita em series de 4 corredores, sendo as condições estipuladas pelo respectivo jury.

Os premios da corrida III serão conferidos aos 3 concorrentes mais classificados, e os da corrida IV aos 3 primeiros a chegar á méta.

Para esta festa foram offerecidos muitos premios, objectos d'arte valiosos, dos srs. Comendador Motta Ribeiro, Ricardo Garcia e Gomez, Aristides Soares, Amadeu Muaze, Achilles Muaze, Olyntho Muaze, Huberto Marinho, Vasco Barbedo e João Garrido.

Fitas artisticamente bordadas e pintadas pelas ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Maria Kamp, D. Laura Nobre, D. Amalia Baudreira, D. Jessie Gordon, D. Irene Soares, D. Hercilia Muaze, mademoiselles Pinto dos Santos, Wan-Meil, D. Luiza Mourão, D. Adelaide Guimaraes, D. Maria Guimaraes e Olyntho Muaze.

A grande nave ostentará uma linda ornamentação e será profusamente illuminada a bico «Anér».

É a primeira festa d'este genero que se realisa no Porto e que promete ser um successo.

Foi nomeado guia do R. V. C. P. para 1900 o sr. Achilles Muaze, e sub-guia o sr. Joaquim Ventura Junior.

Ao primeiro, já o R. V. C. P. deve muitos serviços, porque é um rapaz dedicadissimo e entusiasta pelo sport, do segundo tudo ha a esperar, por que é um rapaz trabalhador e dedicado ao Club.

A pista do R. V. C. P. foi vistoriada no domingo passado pelos engenheiros srs. Estevam Torres e Eleuterio da Fonseca, devendo, após umas ligeiras remodelações, ficar concluida.

A esta vistoria assistiram os membros da direcção e muitos socios e corredores.

Porto 29-3-900

PEDAL CHICO.

### Gymnasio Club do Porto

Decorreu brillantissimo o sarau gymnastico organido oficialmente pela direcção d'este util instituto de educação physica que, como referimos, se realisoou ha dias no elegante theatro-circulo *Agua d'Urro* d'esta cidade.

A assistencia era numerosissima e muito selecta vendo-se nos camarotes do vasto salão do theatro, que se achava artisticamente decorado, subido numero das mais gentis damas da nossa *élite*.

O programma da festa, que era sobre maneira distincto e atrahente e que foi rigorosamente cumprido, teve um desempenho digno das mais elogiosas referencias.

O estimado sportman e emerito atirador ex.<sup>mo</sup> sr. Magalhães Costa, que mais uma vez se evidenciou como atirador distinctissimo, foi alvo de calorosos e justos applausos.

Muito apreciado tambem o numero d'equilibrios a dois, pelos socios do Gymnasio ex.<sup>mos</sup> srs. Candido Motta e Fernandes Guimaraes que apresentaram trabalhos muito arriscados e d'uma justeza e correção admiraveis.

Salientaram-se ainda os exercicios em argolas e parallelas em que tomou parte um grupo dos mais distinctos socios do Gymnasio.

Primorosos e entusiasticamente aclamados os trabalhos em tripo-trapezio e os assaltos a sabre e a florete.

Terminando dirêmos que o sarau do Gymnasio foi uma festa disrinctissima que, honrando sobre maneira os seus iniciadores, deixou em toda a numerosa assistencia as mais gratas impressões.

### Arnaldo Costa

Fomos ha dias dolorosamente surprehendidos pela noticia do fallecimento d'este nosso dilecto amigo e devotado amator do sport gymnastico.

Arnaldo Costa pertenceu ao Gymnasio Lauret d'esta cidade e ultimamente, ao Gymnasio Club do Porto, onde desempenhou com a maxima proficiencia o cargo de professor de classe de gymnastica d'esta prestante aggração.

As nossas condolencias á familia enlutada.

DONFLAK.

## DIVERSAS

### Figueira da Foz

Esteve ha dias em Lisboa, o sr. Alvaro Ferreira Lima, secretario da direcção do Gymnasio Club, da Figueira da Foz. S. ex.<sup>a</sup> veiu entregar á «Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso», um protesto d'aquelle Club contra o projecto de lei sobre caça, e ao mesmo tempo transmitir-nos pessoal e officialmente, um voto de louvor e agradecimento votado na ultima assembleia geral do mesmo Club a esta *Revista* e ao seu director e proprietario, pelos serviços que teem prestado ao sport nacional.

Agradecendo penhoradissimos ao Gymnasio Club da Figueira a honra que se dignou dispensar-nos, e que temos na mais subida consideração, agradecemos igualmente ao sr. Alvaro Ferreira Lima a captivante amabilidade da sua visita, e o fim que a motivou, e que foi da parte de s. ex.<sup>a</sup> uma extremada gentileza para conosco.

### J. Fernandes Costa

Tem estado recolhido a casa este nosso bom amigo e primoroso escriptor, com um fortissimo ataque de *gripe* que o tem prendido ao leito. Por este motivo, não publicamos hoje o XI artigo sobre o Transvaal, o que faremos no proximo numero de 15 do corrente.

Do coração fazemos votos pelo prompto restabelecimento do nosso illustre amigo e collega n'esta redacção.

### Thomaz José Garcia

No dia 19 do mez findo falleceu este nosso bom amigo e antigo assignante a quem ha muitos annos nos ligavam laços de velha amizade.

Era o presidente da *Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios dos Terremotos*, a quem muita falta faz. A sua familia e a esta Associação os nossos pezames.

### Carlos Duff

Está de luto este nosso amigo; no dia 23 do mez passado falleceu o sr. Antonio Ffrench Duff, pae do nosso amigo. Era um cavalheiro que ha muito nos costumáramos a respeitar pelo seu caracter.

Sentimos profundamente o golpe que o nosso amigo e digno secretario do *Real Club Naval de Lisboa* soffreu a quem enviamos as nossas condolencias.

### Santos Diniz

Este nosso bom amigo e honrado commerciante, proprietario da *Casa Favorita*, installada no predio n.º 50 a 52 da praça dos Restauradores, tem visto corado do melhor exito os seus esforços para a venda dos *apparellhos microphonographos Bellini*.

Não se calcula as repetidas encomendas que tem feito aos fabricantes, afim de poder satisfazer todos os seus freguezes. Na realidade nada ha que comparar com a naturalidade dos sons d'estes magicos aparelhos que reproduzem, como nenhum outro, quer as vozes, quer os sons de instrumentos.

Felicitações o nosso amigo e desejamos-lhe a continuação da boa fortuna que tem bafejado o seu estabelecimento um dos primeiros da nossa capital.

## DEPURATIVO DIAS AMADO

(SEM MERCURIO)

Analysado pelo ex.<sup>mo</sup> sr. dr Augusto Rocha e mr. Charles Lepierre, da Universidade de Coimbra.

Este maravilhoso preparado pharmaceutico, de sabôr e aroma muito agradaveis, pode ser tomado por adultos e crianças em qualquer epoca do anno. E' o melhor de todos purificadores do sangue até ao presente conhecidos e tem sido empregado sempre com feliz exito no tratamento da syphilis e do rheumatismo, molestias de pelle, feridas antigas, padecimentos do estomago, etc., etc.

Deposito geral — Pharmacia Ultramarina, rua de S. Paulo, 99 e 101. — LISBOA.

PREÇO DE CADA FRASCO 1\$000 RÉIS

## Casa Columbia

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C.<sup>a</sup> New York. America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 1\$000 réis semanais. Ensino, aluguer e reparações em todos os sistemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accessorios. As magnificas cornetas *Espan-ta cões*.

CASA COLUMBIA



MODELS 1897 READY  
**Columbia**  
GREATEST BICYCLE FACTORY IN THE WORLD  
POPE MANUFACTURING CO  
HARTFORD, CONN. U.S.A.  
NEW CATALOGUE FREE FROM ANY COLUMBIA AGENT OR BY MAIL FOR A TWO CENT STAMP

## CAÇADAS PORTUGUEZAS

Paizagens — Figuras do Campo

POR

ZACHARIAS D'AÇA

COM O RETRATO DO AUCTOR

PREÇO 700 RÉIS

A' venda em todas as livrarias.

## CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1900, continuará, como em 1899 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a iguala em elegancia, perfeição, leveza, rolamentos e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de estrada, é construída para supportar um peso d'um cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 80\$000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.

SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa



## Consultorio dentario

Saturio Augusto Paiva  
Cirurgião dentista

pela escola de Paris. — Doenças de bocca e dentes

60, 2.º, RUA DE SANTA JUSTA, 60, 2.º

## CAMBIO

LOTERIAS

Papeis de credito

João Verling & C.<sup>a</sup>  
LISBOA

Rua do Arsenal  
44 e 46

PRANÇA DO MUNICIPIO  
1, 2 E 3



FABRICA DE CONSERVAS ALIMENTICIAS

M. A. BRITO

Santo Amaro á Junqueira

LISBOA

## ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade  
Especialidade em café, lote, 730 réis o kilo  
Fructas nacionaes e estrangeiras  
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41  
LISBOA

## AOS CAÇADORES

Grande e variadissimo sortimento de espingardas de 1 e 2 canos, de carregar pela culatra, recebidas directamente da acreditada fabrica Victor Collette de Liege e d'outras, assim como da acreditada fabrica Manufactura Francaza d'Armas de St. Etienne — França.

### Revolvers

de diversos systemas e calibres. Legitimos revolvers americanos Smith Wesson, Colt e outros.

### Carabinas

Flobert, Merwin Hulbert e de outros systemas.

### Carabinas Buffalo

proprias para carreiras de tiro. Estas carabinas estão sendo adoptadas em França em todas as escolas de tiro, por serem de muita precisão e poderem servir para atirarem a distancias de 30, 50, 100 e 200 metros.

### Cartuxos

vasios ou carregados, cargas para revolver e carabinas, e todos os accessorios concernentes aos caçadores.

PREÇOS RESUMIDOS

F. A. Ventura

T. DE S. DOMINGOS, 50 A 56

LISBOA

POR 500 RÉIS SEMANAES



MACHINAS PARA COSER  
TA GARRAS FABRIL  
"SINGER"  
DE NOVA YORK  
PAR FAMILIAS e INDUSTRIAES

105, Praça do Loreto, 107

LISBOA

Companhia Industrial Productora

DE

PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira 27

N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, perca linas, chagrin, agathas; papeis marmoreados, papeis couchés para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.



JOÃO VAZ DA COSTA

CONSTRUCTOR DE MOBILIAS ESCOLARES

Fornecedor do Estado e Camaras Municipaes

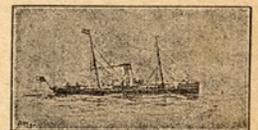
142, Rua do Bemfomoso, 148

LISBOA

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

PARA

S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico, Fayal e Flores e Corvo



Sae o vapor Açôr, commandante Carlos Pereira Vidinha, no dia 3 de abril ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes, Caes do Sodré n.º 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaud.